

DIVULGANDO CIÊNCIA PARA TODOS. SEM EXCEÇÃO.

Milena NASCIMENTO¹; Luiz BENTO¹ & Andreza BERTI²

¹Programa de Pós Graduação em Ecologia (UFRJ – Rio de Janeiro)

(nascimentoms@biologia.ufrj.br).

²Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ.

A divulgação científica é uma importante ferramenta para aumentar o conhecimento científico, de diversos públicos. Dentro deste contexto, o projeto "Ciência para poetas na Escola", realizado pela Casa da Ciência (UFRJ), em parceria com diversas unidades acadêmicas da universidade, cumpre bem esse papel. Segundo a própria instituição, o objetivo principal desta iniciativa é “promover um diálogo entre o conhecimento produzido na Universidade e as Escolas Públicas de Ensino Médio do Rio de Janeiro, visando aproximar estas duas unidades de construção de saber, colaborando para a troca de conhecimento entre elas a fim de produzir propostas positivas para ambas”.

O Projeto "Ciência para poetas na Escola" consiste em ciclos temáticos que se concretizaram através de parcerias com as unidades da UFRJ. Através de debates e palestras, o projeto visa despertar nos estudantes o interesse pelas áreas científicas, incentivando-os na continuação dos estudos e convidando-os a prestarem o vestibular. Tudo isto com uma linguagem criativa.

O sistema funciona de forma simples. Escolas públicas de Ensino Médio entram em contato com a Casa da Ciência e escolhem, dentre vários temas, aquele que mais interessaria para o seu público. Professores e alunos de pós-graduação são então convidados para realizar as atividades e palestras. Um dos laboratórios participantes desta iniciativa é o Laboratório de Ecologia de Insetos da UFRJ, através dos professores Ricardo Monteiro e Margarete Macedo e a experiência que vamos compartilhar aqui se refere a uma palestra proferida pela aluna de doutorado deste mesmo laboratório, Milena Nascimento.

Esta iniciativa por si só já é muito louvável, mas este ano ela está sendo realizada numa instituição bem especial: o INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos. Agora, você deve estar se perguntando como se daria tal palestra, já que o palestrante é ouvinte (como os surdos chamam as pessoas que não são surdas) e não sabe LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Como o público é constituído de alunos surdos que cursam os Ensinos Fundamental e Médio no INES, ele precisa de uma ajuda indispensável: o intérprete, pessoa responsável pela difícil tarefa de traduzir de português para LIBRAS a palestra proferida. O problema é que LIBRAS é uma língua relativamente jovem e não tem sinais específicos para vários termos científicos, mesmo os mais simples. Desta forma, além de traduzir simultaneamente, o intérprete tem que transformar para LIBRAS várias palavras científicas que não tem sinal correspondente. Além disso, o intérprete não tem formação científica, portanto ele mesmo não conhece muitos destes termos. Por esse motivo, antes da palestra começar, tivemos que explicar alguns termos científicos para o intérprete, que só assim poderia traduzir tais termos para os alunos.

Montar e apresentar uma palestra para o público surdo foi mais um desafio desta empreitada. O tema da palestra era “Biodiversidade, importância e desafios a sua conservação”, que já havia sido apresentada e, para essa ocasião, alguns ajustes foram feitos, na tentativa de tornar o tema melhor ilustrado. No momento da apresentação, os slides foram lidos bem pausadamente, esperando o intérprete fazer a tradução para LIBRAS e depois esperando os alunos verem as figuras (não dá pra olhar em dois lugares ao mesmo tempo...). É uma dinâmica bem diferente das palestras para o público ouvinte. Cabe ressaltar a ótima estrutura do auditório do INES, que contava com grande telão para exibição dos slides, mais duas telas menores onde eram transmitidas as imagens da intérprete, além do sistema de câmeras que permitia essa transmissão.

Passadas as dificuldades iniciais, o que vivenciamos foi uma experiência extraordinária, tanto para o palestrante quanto para os alunos. Mesmo com toda a dificuldade de comunicação é incrível a vontade de se expressar do público surdo. Nunca presenciamos uma platéia desta idade (entre 12 e

15 anos) ser tão participativa como a que estava presente no INES. Alguns alunos chegaram a interromper a palestra tamanha a vontade de participar, além da fila para perguntas que se formou após a palestra. Sem mencionar que para fazer uma pergunta o aluno deveria subir ao palco, aguardar o posicionamento da segunda intérprete e da câmera para transmitir sua imagem no telão, para só então começar a se expressar. A pergunta era então traduzida pela intérprete para o português, respondida pela palestrante e traduzida novamente para LIBRAS pela primeira intérprete. Mesmo com todo esse processo, muitos alunos esperaram sua vez para se expressar.

Em geral, as perguntas dos alunos eram sobre conservação, descarte de lixo em local apropriado e responsabilidade do Homem nos impactos ambientais. Muitos ainda pediam a palavra apenas para dar uma opinião ou completar o que algum colega havia dito anteriormente. O que ficou evidente para todos nós foi a carência de material e/ou informação com conteúdo científico para esses alunos, o que confere maior importância a esta iniciativa. Isto ficou mais evidente na “fala” de uma aluna, que nos procurou após o término das perguntas e mencionou sobre a dificuldade de pessoas surdas terem acesso a informações básicas sobre ciência. Ela nos disse (com a ajuda da intérprete) que o mundo dos ouvintes é bem diferente do mundo dos surdos, que informações passadas pelos meios de comunicação não chegam de forma tão fácil para eles.

Essa é a mensagem final. Não adianta só fazer divulgação científica se o seu público não consegue ter acesso a esta informação. Muitas vezes a ferramenta e a forma podem ser muito mais importantes do que o conteúdo para conseguir que a informação realmente chegue ao seu público alvo. Parabéns para a Casa da Ciência pela iniciativa e obrigado pelo convite, por nos permitir participar dessa experiência tão gratificante e engrandecedora, encarando o desafio de levar o conhecimento científico para fora dos muros da universidade. Temos a impressão que esta foi a palestra que mais nos ouviram.